

## Nota de apresentação

O século XXI tem sido marcado, política e socialmente, pela ascensão, pelo crescimento eleitoral e organizacional e, em alguns casos, pela conquista do poder por parte de correntes de extrema-direita (incluindo as suas dimensões neo e pós-fascista) no mundo euro-americano. Não apresentando um *corpus* doutrinário e político unificado em torno de questões de política externa – veja-se o diferente posicionamento dos partidos da extrema-direita europeia em relação à Rússia de Vladimir Putin –, parece existir um conjunto de tópicos discursivos e, sobretudo, uma mimetização de estratégias e práticas de intervenção política e mediática que nos permite olhar – salvaguardando as particularidades nacionais de cada uma destas forças – para o recrudescimento deste campo político na Europa, nos Estados Unidos da América e na América Latina como um movimento internacional e histórico de reação à ordem económica, social, política e cultural que as democracias liberais consolidaram no Ocidente.

O debate científico, político e mediático tem girado mais em torno da designação politológica a atribuir a cada um destes fenómenos – quase sempre individualmente considerados – e a procurar destrinchá-lo da tradição do fascismo histórico. Os conceitos com os quais se procura sintetizar a orientação política e ideológica e a práxis destes partidos tem-se centrado em substantivos como populista, antissistema ou nacional-populista e direita radical, extrema-direita ou ultradireita. São análises que, por norma, enfermam de duas limitações capitais. Por um lado, o presentismo com que se olha para estes movimentos, tendendo a ignorar a evolução das ideias, das organizações, das militâncias e das lideranças

do campo político da extrema-direita desde o final de Segunda Guerra Mundial. Por outro, o essencialismo imobilista com que se olha o corpo doutrinário e de intervenção política do fascismo histórico. Por mais distante que o entendimento da democracia liberal esteja daquele que caracterizava os regimes liberais oligárquicos do início do século XX, ninguém enjeita a evidente ligação histórica e as imensas transformações que esse campo político viveu nos últimos 120 anos. Por mais que os partidos comunistas da atualidade se assemelhem cada vez menos ao Partido Bolchevique que fez a Revolução de Outubro de 1917, e por mais que a ideia de comunismo tenha evoluído, ninguém hesita em reconhecer que os comunistas de hoje, por mais diferentes que sejam dos de 1917, continuam a ser comunistas. Deste modo, apenas os partidos, as ideias e as estratégias do vinténio do fascismo parecem não ter deixado qualquer lastro temporal.

Com efeito, embora o desfecho da Segunda Guerra Mundial – e o mundo bipolar que dele emergiu – tenha sido interpretado, sobretudo no campo liberal, como o encerramento definitivo do capítulo fascista da história da humanidade, as ditaduras fascizadas de Salazar e Franco, ao verem a sua sobrevivência tolerada, e até garantida, por norte-americanos e britânicos, demonstraram que a derrota não fora total e que continuava a haver espaço no mundo euro-americano para esse tipo de regimes. O derrube das ditaduras portuguesa e grega em 1974 e a transição democrática espanhola em 1977 pareceram, por isso, reforçar a convicção de que o fascismo ficara definitivamente no passado. Pouco mais de uma década depois, a implosão da União Soviética deu até azo a entusiasmados vaticínios de que a história havia chegado ao fim: a democracia liberal e a economia de livre mercado tinham triunfado em toda a linha e jamais voltariam a ser desafiadas.

Contudo, desde a derrota do nazi-fascismo que antigos quadros daqueles partidos e dos regimes se empenharam no recrutamento, na formação e na radicalização de novos quadros que mantivessem o movimento vivo, procurando, simultaneamente, adequá-lo aos novos tempos e às possibilidades de organização e de intervenção em cada país – em Itália, o *Movimento Sociale Italiano* atuou livremente sem qualquer tipo de constrangimento legal, enquanto na Alemanha Federal a ideologia e as organizações neonazis foram criminalizadas pelo Tribunal Constitucional. O número 42 da *Revista de História das Ideias*, dedicado ao tema Neofascismo e direitas radicais no pós-II Guerra Mundial procura, justamente, refletir sobre as estratégias e os percursos deste campo político em Itália, Espanha e Portugal.

Com contributos vindos, eminentemente, da História Contemporânea, neles se discute o processo de hegemonização do fascismo falangista na Espanha de Franco pelo nacional-catolicismo (César Rina Simón); a circulação de literatura fascista na democracia italiana do pós-Guerra (Andrea Martini); a defesa do ideário nazi-fascista e dos exemplos de Mussolini e Hitler nas páginas do jornal ultra *A Nação* (Susana Borges, Sérgio Gonçalo Neto e Clara Serrano) e a colaboração do chefe fascista brasileiro, Plínio Salgado, nas páginas dessa mesma publicação (Leandro Pereira Gonçalves e Gabriela Santi Pacheco); os caminhos do fascismo na Espanha franquista do final da 2.<sup>a</sup> Guerra até à morte do ditador espanhol (Javier Muñoz Soro); a estratégia, as ações e as ideias da direita ultra portuguesa entre o final da II Guerra Mundial e o encerramento do ciclo revolucionário em Portugal (Riccardo Marchi); o papel desempenhado pelo General António de Spínola enquanto articulador dos sectores mais reacionários das Forças Armadas Portuguesas e da extrema-direita nas ações contrarrevolucionárias e terroristas empreendidas durante a Revolução Portuguesa (Pierre Marie); e, por fim, da conversão de parte dessa direita neofascista aos postulados teóricos da *nouvelle droite* e à estratégia metapolítica (Afonso Silva).

Consistindo, essencialmente, em estudos de caso geográfica e temporalmente situados, os artigos presentes neste número da *Revista de História das Ideias* ilustram o caminho de transformação – entre cedências táticas, adaptações motivadas pela necessidade de sobrevivência, inovações suscitadas pela alteração e evolução da realidade com que se foram deparando e manobras discursivas que visaram, justamente, iludir a ligação à tradição política do fascismo – que a extrema-direita foi protagonizando até assumir as formas que hoje adota.

BRUNO MADEIRA

Universidade do Porto, CITCEM | Universidade do Minho, ICS | Lab2PT  
<https://orcid.org/0000-0003-1555-3786>

CONCEIÇÃO MEIRELES PEREIRA

Universidade do Porto, CITCEM, Faculdade de Letras  
<https://orcid.org/0000-0002-3359-3215>

MANUEL LOFF

Universidade do Porto, Faculdade de Letras | Universidade NOVA de Lisboa, IHC,  
FCSH | In2Past  
<https://orcid.org/0000-0001-5958-650X>

